

“MEU CORPO É POLÍTICO”: CORPO, ARTE E COTIDIANO JUNTO A ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS DA COMUNIDADE LGBTQIAP+

“My body is political”: body, art and daily life among university students from the LGBTQIAP+ community

“Mi cuerpo es político”: cuerpo, arte y cotidiano con estudiantes universitarios de la comunidad LGBTQIAP+

Marina Vaz

<https://orcid.org/0009-0008-9754-3891>

Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Curso de Terapia Ocupacional, Uberaba, MG, Brasil.

Heliana Castro Alves

<https://orcid.org/0000-0001-8034-9648>

Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Departamento de Terapia Ocupacional, Uberaba, MG, Brasil.

Claudia Franco Monteiro

<https://orcid.org/0000-0001-6806-608X>

Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Departamento de Terapia Ocupacional, Uberaba, MG, Brasil.

Resumo: Introdução: A normatização dos corpos dentro dos padrões binários pauta-se na estrutura do poder colonial-capitalista e patriarcal. Este controle social, que busca dominar, colonizar e inviabilizar esses corpos que performam fora da cisheteronormatividade emprega na capilaridade do cotidiano os mecanismos do biopoder. **Objetivos:** Compreender as percepções da corporeidade LGBTQIAP+ nas narrativas sobre as vivências do cotidiano e analisar a utilização da arte como expressão de narrativas sobre a vivência sociocorporal deste público. **Métodos:** Trata-se de um estudo de campo com caráter descritivo, com abordagem qualitativa, que utilizou questionário online, encontros presenciais artístico-vivenciais e grupo focal com discentes da comunidade em uma universidade pública. A análise de dados foi realizada através de análise de conteúdo temática. **Resultados:** Participaram da pesquisa 10 discentes cisgêneros, de orientação sexual homossexual, bissexual e panssexual. A análise resultou em três categorias temáticas: “Você de boca fechada parece hétero: Relações e existências corporais”; “O corpo no mundo: Medo, Preconceito e Resistências nas vivências do Cotidiano”; “Narrando as marcas: Arte como ferramenta de narrativas corporais”. **Conclusão:** Numa perspectiva decolonizadora destas sexualidades desviantes da norma, os processos artísticos se mostram como um veículo importante para a expressão das narrativas cotidianas dos corpos LGBTQIAP+. Os relatos são atravessados por vivências que evidenciam mecanismos de poder capilarizados nos acontecimentos diários e relações sociais para o enquadramento destes corpos nos padrões binários e cisheteronormativos.

Palavras-chave: Arte. Corpo. Cotidiano. Sexualidade. Terapia Ocupacional

Abstract: Introduction: The normalization of bodies within binary standards is based on the structure of colonial-capitalist and patriarchal power. This social control, which seeks to dominate, colonize and make unfeasible these bodies that perform outside of cisheteronormativity, employs the mechanisms of biopower in the capillarity of everyday life. **Objectives:** Understand the perceptions of LGBTQIAP+ corporeality in narratives about everyday experiences and analyze the use of art as an expression of narratives about the socio-corporeal experience of this public. **Methods:** Qualitative approach, field study with a descriptive character, using an online questionnaire, face-to-face artistic-experience meetings and focus group with students from a public university, belonging to the community. Data analysis was carried out through thematic content analysis. **Results:** Ten cisgender students, with homosexual, bisexual and panssexual sexual orientation, participated in the research. The analysis resulted in three thematic categories: “You look straight with your mouth closed: Relationships and bodily existences”; “The body in the world: Fear, Prejudice and Resistance, in everyday experiences”; “Narrating brands: Art as a tool for body narratives”. **Conclusion:** From a decolonizing perspective of these sexualities that deviate from the norm, artistic processes prove to be an important vehicle for expressing the everyday narratives of LGBTQIAP+ bodies. The reports are crossed by experiences that highlight mechanisms of power capillarized in daily events and social relations to fit these bodies into binary and cisheteronormative patterns.

Keywords: Art. Body. Daily Life. Sexuality. Occupational Therapy

Resumen: Introducción: La normalización de los cuerpos dentro de estándares binarios se basa en la estructura del poder colonial-capitalista y patriarcal. Este control social, que busca dominar, colonizar y hacer inviables estos cuerpos que actúan fuera de la cisheteronormatividad, emplea los mecanismos del biopoder en la capilaridad de la vida cotidiana. **Objetivos:** Comprender las percepciones de la corporalidad LGBTQIAP+ en narrativas sobre experiencias cotidianas y analizar el uso del arte como expresión de narrativas sobre la experiencia sociocorporal de este público. **Métodos:** Enfoque cualitativo, estudio de campo con carácter descriptivo, mediante cuestionario en línea, encuentros presenciales de experiencia artística y grupo focal con estudiantes de una universidad pública, perteneciente a la comunidad. El análisis de los datos se realizó a través del análisis de contenido temático. **Resultados:** En la investigación participaron diez estudiantes cisgénero, con orientación sexual homosexual, bisexual y panssexual. El análisis resultó en tres categorías temáticas: “u con la boca cerrada parece heterosexual: Relaciones y existencias corporales”; “El cuerpo en el mundo: Miedo, Prejuicio y Resistencia, en las experiencias cotidianas”; “Narrando marcas: el arte como herramienta para narrativas corporales”. **Conclusión:** Desde una perspectiva descolonizadora de estas sexualidades que se desvían de la norma, los procesos artísticos resultan ser un vehículo importante para expresar las narrativas cotidianas de los cuerpos LGBTQIAP+. Los relatos están atravesados por experiencias que resaltan mecanismos de poder capilarizados en los acontecimientos cotidianos y las relaciones sociales para enmarcar estos cuerpos dentro de estándares binarios y cisheteronormativos.

Palabras-clave: Arte. Cuerpo. Cotidiano. Sexualidad. Terapia Ocupacional

Como citar:

Vaz, M; Alves, H. C; Monteiro, C. F. (2025). “Meu corpo é político”: corpo, arte e cotidiano junto a estudantes universitários da comunidade lgbtqiap+. Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup. 9(1): 3071-3088. DOI: 10.47222/2526-3544.rbto65469

Introdução

A existência, antes de tudo, é corporal: o corpo, enquanto fenômeno social-cultural, é objeto de investimentos simbólicos, de representações e imaginários que foram sofrendo mudanças ao longo da história da humanidade (Le Breton, 2007). Ao ser compreendido como vetor semântico, pelo qual se evidencia a relação do sujeito com o mundo em diferentes contextos sociais e políticos, o corpo também constitui um objeto do poder (Foucault, 1988).

Para entender as relações de gênero, corpo e cotidiano junto às demandas da comunidade LGBTQIAP+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, Trangênero, Queer, Interssexual, Assexual, Panssexual), a terapia ocupacional se debruça na perspectiva da justiça social e direitos humanos. O gênero é uma correlação entre cultura e psiquismo: construção de significados culturais atravessados por questões políticas e sociais, implicando assim, em performances corporais (Butler, 2003).

Na antiguidade ocidental, às práticas homoafetivas faziam parte da adoração aos deuses e eram incentivadas pelo exército de Tebas. As barreiras atitudinais da época não eram em relação à sexualidade, mas, de fato, em relação às performances de gênero, já que, a desonra era identificada caso homens de alto status tivessem posturas passivas, se assemelhando às performances sexuais das mulheres rebaixadas socialmente (Davi & Rodrigues, 2001/2002).

Às práticas homoeróticas começaram a ser compreendidas como imorais com a ascensão do cristianismo, visando o poder e controle dos corpos/ sexualidades desviantes: julga-se as condutas não-heteronormativas como pecaminosas e antinaturais. Para a preservação do ideário heterossexual e cisnormativo, o dispositivo da sexualidade - composto por estratégias de gerenciamento e controle de corpos e modos de ser - passa a fazer parte das micropolíticas do cotidiano capilarizadas a partir de instituições, discursos e regulamentos (Foucault, 1988). A naturalização da heteronormatividade compulsória é portanto, socio-historicamente construída na relação do homem com a cultura e exige uma regulação dos padrões binários de gênero, mulher-homem (Butler, 2003). As normas socioculturais pressupõem corpos em oposição binária entre as feminilidades e masculinidades na produção da vida cotidiana, colonizando o ser com relação aos papéis sociais a serem executados para se sentirem aceitos e autorizados a existir.

Do processo de moralização do corpo na era moderna-colonial, surgem às vivências clandestinas dos sujeitos que transgrediam as normas binárias e heterossexuais. Somente a partir da década de 60 observa-se, mais ativamente, movimentos políticos com objetivo de diminuir as discriminações e violências acerca da sexualidade e gênero, sendo um dos marcos ocidentais a rebelião de *Stonewall*, onde os frequentadores do bar confrontaram as batidas policiais e a criminalização de suas existências (Davi & Rodrigues, 2001/2002).

Nesta perspectiva, os estereótipos construídos pela cisheteronormatividade demarcam as relações de poder e representações corporais. Entretanto, para Damásio (2011), a corporeidade foge do ideal heteronormativo e da biologia, onde as formas podem compreender uma "lógica do 'nem sou isso nem aquilo'" (p.213). Assim, da mesma forma que Foucault (1988) relaciona a sexualidade com relações de poder, o corpo para Damásio (2011) também vivencia as mesmas relações estruturais da sociedade. Neste sentido, Le Breton (2007), reafirma tais estruturas de poder ao definir o corpo como eixo das relações do

ser humano com o mundo: é através dele que as experiências são absorvidas e vivenciadas. Larrosa (2011), expressa que essa experiência é aquela que atravessa o sujeito de forma singular, fazendo do corpo o elemento das ações.

Ao observarmos as dimensões sociais do corpo pelos vieses da raça, gênero e sexualidade, a crítica decolonial busca uma oposição do padrão hegemônico, branco e patriarcal imposto pela colonização (Pereira, et. al. 2022). A colonialidade enquanto dispositivo de poder, forjou sistemas de opressão com a implementação da heterossexualidade compulsória em “povos que não se enquadravam no binarismo” (Tolentino & Batista, 2017, p.48). Como afirma Gomes (2018, p. 77), é necessário entendermos que gênero/ sexualidade são elementos construídos no performativo da colonialidade. Ou seja: raça, sexo e gênero são forjados a partir da mesma matriz de poder colonial, compreendendo categorias importantes para o estudo das estruturas sociais e suas relações (Curiel, 2017). Consequentemente, o pensamento decolonial se relaciona com a teoria *queer*, que “surgiu como crítica aos efeitos normalizantes das formações identitárias, [...] [delineando] invenções transgressoras e possibilidades para além da construção binária” (Pereira, 2015, p. 412). A teoria *queer* e o pensamento decolonial, questionam teorias generalistas, e se agregam com atenção às visões que criticam o poder hetero e as hierarquias de gênero e raça.

A escuta qualificada garante a identificação das potências individuais e coletivas da população LGBTQIAP+, promovendo ações que buscam o respeito à autonomia do sujeito, valorização da diversidade e garantia da integridade corporal: premissas essenciais para a atuação do terapeuta ocupacional (Freitas *s.d. apud* Ciasca, et. al. 2021; Antunes, et. al. 2018). Assim, aposta-se no corpo em terapia ocupacional enquanto estrutura de expressão, como pulso vibrátil e produção de subjetividades (Liberman, 2010). É por meio do corpo e da arte que as existências e resistências periféricas podem configurar encontros, afetações e potência de vida.

Ao admitirmos que o cotidiano constitui experiências vindas das ‘banalidades’ do dia-a-dia, observa-se que este revela as estruturas de vida, refletindo os “modos de pensar, agir e sentir” (Galheigo, 2020, p. 8). Assim, compreender o cotidiano para a terapia ocupacional significa se aproximar da subjetividade e realidade social dos sujeitos (Galheigo, 2003). Sabe-se que a população LGBTQIAP+ enfrenta diversas dimensões de violência, negligência de acesso aos seus direitos, visto que o Brasil é o país que mais mata pessoas LGBTQIAP+ sendo 273 mortes no ano de 2022, 83,52% decorrentes de assassinatos (Gastaldi, et. al. 2023). A terapia ocupacional, por estudar o cotidiano na perspectiva dos direitos humanos, pode contribuir com ações que garantam potencialidades para construção de projeto de vida, atendimento humanizado e busca pela efetivação dos direitos (Leite Junior & Lopes, 2017; Monzeli, 2022).

Assim, entender as estruturas de poder que controlam e matam os corpos desviantes da norma, motiva uma produção de conhecimento compromissada com a população LGBTQIAP+ abordando as temáticas de gênero, corpo, arte e cotidiano. Ao resgatar a valorização da diversidade alicerçada à defesa dos direitos humanos, a terapia ocupacional deve impulsionar práticas sociais que se voltem para a conscientização e atenção às demandas sociais deste público. Essa pesquisa buscou compreender e analisar as percepções da corporeidade LGBTQIAP+ nas narrativas sobre as vivências do cotidiano assim como analisar a utilização da arte como expressão de narrativas sobre o corpo junto ao público LGBTQIAP+.

Métodos

Esta pesquisa¹ se baseou na abordagem qualitativa, trabalhando com a realidade social particular e coletiva dos participantes (Deslandes, et. al 2008). De caráter descritivo, a pesquisa expressou uma preocupação para com as características da população e dos fenômenos. Trata-se de uma pesquisa de campo, com foco na população LGBTQIAP+ universitária, buscando o aprofundamento das variáveis: sexualidade, gênero e corporeidade (Gil, 2002).

Utilizou-se os critérios de inclusão: pessoas da comunidade LGBTQIAP+, entre 18 a 30 anos, matriculados como discentes de uma Instituição Pública de Ensino Superior, que participem de pelo menos um dos encontros artísticos-vivenciais. A divulgação da pesquisa começou via formulário eletrônico pela plataforma Google Forms, através das instâncias vinculadas. Após a manifestação de interesse, a produção de dados apresentou três etapas:

Na primeira etapa, os participantes receberam um formulário eletrônico pela plataforma Google Forms, com quatorze questões abertas e fechadas sobre o cotidiano nos ambientes sociais e processos de violência.

A segunda etapa, consistiu em quatro encontros presenciais realizados nas dependências de uma IES, com oficinas de vivências artístico-culturais, apresentando questões disparadoras para discussões acerca das temáticas centrais. Após cada vivência, o grupo era conduzido a discutir as temáticas desenvolvidas no trabalho artístico, utilizando a técnica de grupo focal, baseada na relação do pesquisador-participantes, criando a possibilidade de obter relatos referentes ao assunto (Deslandes, et. al 2008). Estes grupos focais eram apresentados aos participantes em formato de rodas de conversa sobre o tema do encontro, totalizando quatro entrevistas coletivas. No primeiro encontro a questão norteadora foi: "como eu me vejo e como percebo meu corpo no mundo" com cinco participantes, realizando-se dinâmicas grupais e oficina de cartonagem. No segundo disparou-se a pergunta: "como sinto meu corpo na relação com o mundo" com quatro participantes, utilizando-se fotografias enviadas previamente à pesquisadora. A partir destas fotografias temáticas selecionadas pelos participantes, realizou-se oficina de pintura/desenho/colagem e escrita criativa. No terceiro encontro, disparou-se a questão: "quais são as barreiras ou dificuldades que o meu corpo enfrenta no cotidiano" contando com seis participantes, em que se propôs a realização de mapas corporais, além de atividades de expressão corporal. No quarto, a pergunta norteadora foi "como eu construí meu corpo na relação com o mundo", duas pessoas participaram, realizando-se a partir deste tema atividades de colagem criativa, e/ou pintura/desenho. Os quatro encontros artístico-vivenciais foram registrados através de Diários de Campo sendo que os grupos focais gravados em áudio. Algumas composições artísticas foram inseridas ao longo da discussão dos resultados uma vez que muitas delas foram sustentação para as narrativas.

A terceira etapa da pesquisa, consistiu em um Grupo Focal final, após o término dos quatro encontros, em especial para questionar o impacto da utilização das vivências artísticas para a reflexão, expressão e narratividade do corpo e do cotidiano da população LGBTQIAP+.

¹ Aprovada pelo CEP sob o CAAE *

O *corpus* de dados, foi analisado, a partir do método de análise de conteúdo temática (Bardin, 1979), dividido em categorias e subdividido em núcleos de sentido, constituído por maneiras de descrição dos materiais obtidos por via da comunicação oral, plástica ou escrita. O processo de análise de conteúdo temática foi realizado seguindo-se as seguintes etapas: pré-análise; exploração do material/ codificação e tratamento dos resultados obtidos/ interpretação. A etapa da pré-análise compreendeu a leitura fluente exaustiva, constituição do corpus de dados, reformulação de hipóteses e pressupostos da pesquisa. Após a etapa de exploração e codificação em que emergiram os núcleos de sentido, realizou-se o processo de categorização temática da terceira etapa de análise, atendendo os princípios de homogeneidade, integralidade e exclusividade.

Resultados e Discussão

Participaram da pesquisa 10 discentes de uma IES no estado de Minas Gerais, estando estes caracterizados na tabela a partir da autodeclaração.

Tabela 1 – Caracterização dos participantes

SUJEITO	IDADE	RAÇA	IDENTIDADE DE GÊNERO	ORIENTAÇÃO SEXUAL	PRESEÇA NA VIVÊNCIA
AG	19 anos	Branco	Cisgênero	Homossexual	1º, 3º
J.E ²	20 anos	Negro	Cisgênero	Homossexual	1º, 3º, 4º
Levi	22 anos	Branco	Cisgênero	Pansexual	1º,3º
Margarida	18-30 anos	Negro	Cisgênero	Bissexual	2º
Melissa	20 anos	Branco	Cisgênero	Homossexual	3º
Mell	18 anos	Branco	Cisgênero	Homossexual	1º, 2º
Mitsky	19 anos	Branco	Cisgênero	Bissexual	4º
Oxalá	23 anos	Branco	Cisgênero	Homossexual	2º
Peter	18-30 anos	Branco	Cisgênero	Homossexual	2º,3º
Vênus	20 anos	Branco	Cisgênero	Bissexual	1º, 3º

Fonte: elaborado pelas autoras.

² Codinomes fictícios, escolhidos pelos próprios participantes, exceto JE, denominado pela própria pesquisadora.

Do formulário inicial da pesquisa, cinco relataram não terem tido um ambiente acolhedor durante o processo de “assumir-se” LGBTQIAP+; quatro relataram já terem enfrentado ou ainda estar enfrentando episódios de automutilação e um preferiu não responder, assim como cinco já apresentaram pensamentos suicidas. Sete dos participantes se sentem pertencentes ou confortáveis nos ambientes da IES que frequentam, no entanto cinco já deixaram de frequentar algum ambiente social por medo de violência ou exposição e todos os participantes relataram já terem se sentido violados ou desconfortáveis com olhares e comentários sobre sua sexualidade.

Os dados analisados geraram três categorias: “Você de boca fechada parece hétero”: relações e existências corporais”; “O corpo no mundo: Medo, Preconceito e Resistências, nas vivências do Cotidiano”; e “Narrando as marcas: Arte como ferramenta de narrativas corporais”. As categorias temáticas emergiram dos dados após exploração extensa do *corpus* de dados e processos de codificação norteado pelos objetivo da pesquisa.

Você de boca fechada parece hétero: Relações e existências corporais

Nesta categoria, o corpo é retratado nas existências cotidianas e seus atravessamentos nas relações sociais mais próximas, principalmente a família. Durante os encontros artístico-vivenciais, os participantes apresentaram suas concepções sobre corpo, sendo observado uma segregação entre mente e corpo.

é porque eu não costumo pensar muito em mim num plano corpóreo, penso mais se eu pudesse existir apenas um plano mental, então para mim é meio que só estou preso por enquanto nessa dimensão de existência. E eu tenho que lidar com o que as pessoas pensam dele e eu não gosto muito, se pudesse eu era somente... [*sinaliza região da cabeça*] (Peter).

Essa cisão entre corpo e mente advém da visão cartesiana ocidental (Le Breton, 2007) tratando-se de “uma visão dualista do homem que separa espírito e corpo” (p.85). No entanto, é observado que esse dualismo expresso pelo participante não é somente sobre corpo e mente, mas a oposição entre o “ser” e a “matéria”, expondo a necessidade de um corpo etéreo para que se viva num plano mental, ou seja, o corpo físico, só pode “torna-se um lugar alegremente habitável graças a esse suplemento de alma” (Le Breton, 2007, p.87,). Entretanto, observa-se a angústia da relação entre o sujeito e seu corpo, por sentir este corpo como alvo de preconceitos. A noção do corpo como uma “casca”, também evidencia a cisão cartesiana imantada pela racionalidade moderna em que a existência corporal do mundo sensível é submetida hierarquicamente à mente, dotada pelo espírito crítico da razão humana.

É sério, é chato existir enquanto um corpo, o corpo não é ele, é algo que vai ser sempre julgado, [...] o corpo é só uma casca que é medida por uma régua impossível e injusta (Peter).

às vezes é muito bom a gente olhar nosso corpo e ver as coisas bonitas que a gente tem, mas na maioria [...] é um processo complicado porque é muito mais fácil a gente olhar defeitos do que a gente olhar coisas boas. Muitas vezes é um processo autodestrutivo (Mell).

A despeito da visão cartesiana de corpo como parte da cultura ocidental em que todos estamos imersos, o corpo “negado” LGBTQIAP+ pode intensificar essa percepção numa tentativa de nulidade da existência

corporal diante da estrutura de poder heterocispatrilial. Os pensamentos suicidas e os episódios de auto-mutilação evidenciam o sofrimento mental diante da LGBTQIAP+fobia estrutural que expõe essa população a maiores índices de tentativas e êxitos de suicídio se comparado a pessoas cisgêneros e heterossexuais (Rosa, *s.d. apud* Gastaldi, et. al. 2023). Se a existência é corporal, este corpo socialmente negado expressa através de sintomas essa dor psíquica.

A relação destes sujeitos com seus corpos, é atravessada por vivências cotidianas, que apagam, silenciam e tentam moldar a expressão destes corpos no mundo. Como afirma Le Breton (2007), o homem é colocado como um objeto que pode ser moldado. O cotidiano, permeado por sutis negações e imposições patriarcais de determinadas performances corporais, impacta a participação social de jovens que vivenciam a pressão social pela normalização dos corpos e de expressão de masculinidade.

quando era criança eu era muito chorão [...] aí sempre tinha aquele comentário "Ah você é um homem um saco de batata", "Ah porque a homem não chora, onde já se viu (...)". E com o tempo eu percebi que eu fui parando de chorar até que chegou no ponto hoje em dia por exemplo, por mais que eu esteja tendo motivo eu chegava ficar emocionado mas eu não choro sabe, [...] Foi o que acabou mudando meu corpo de tanto comentários externos acabaram controlando o meu corpo (JE).



Figura 1: O controle do meu corpo.
Fonte: Criação: JE, 2023

quando eu era mais nova eu era bem menos feminina do que eu sou agora e como eu era pequenininho não dava para saber se eu era um menininho ou uma menininha e acho que as pessoas, por questionarem isso, era ruim. E agora ver meu corpo com feminilidade e desfeminilidade em mim é complicado, mas é muito bom também poder pensar nisso de uma forma mais clara do que quando eu era uma criancinha [...] é uma coisa que começou a fazer parte da minha personalidade de um jeito ou de outro que é amar, e amar mulheres, e que antes era uma coisa difícil de entender que agora faz parte do meu corpo (Mell)

Essas tentativas de adaptação social e apagamento de expressividades corporais não-binárias, estão atreladas às influências dos ‘marcadores de gênero’: uma forma de qualificar os corpos como humanos ou não-humanos, uma vez que “em sistemas compulsórios, o gênero é uma performance com consequências claramente punitivas” (Butler, 2003, p. 199). A sociedade normatiza os corpos dentro dos padrões binários, pautando-se na estrutura do poder colonial-capitalista e patriarcal. Este controle social que busca dominar, colonizar e inviabilizar esses corpos que performam fora do heterocispatriarcado, emprega na capilaridade sutil do cotidiano os mecanismos do biopoder. A visão decolonial expõe criticamente esses mecanismos para que os diferentes modos de experienciar o corpo, permaneçam em existência (Gomes, 2018).

A percepção das vivências corporais – assim como a auto-imagem – é construída a partir das experiências sociais dos sujeitos, tanto no núcleo familiar primário, quanto em espaços mais amplos de sociabilidade. Os processos de controle das expressões corporais e comportamentais expressos por JE e Peter, também foram vivenciados no contexto das relações familiares, na qual Margarida relata que “você tem que mudar quem você é, quando você tá perto da sua família” e Oxalá comenta sobre a vivência da busca por independência: “eu busquei muito a minha independência só para eu ser quem eu sou, porque dentro da minha família eu sempre fui muito preso”. O lugar da família fica em destaque:

sempre fizeram comentários homofóbicos. Meu pai saía do lugar sempre que via algo que remetesse ao mundo gay, quando eu me assumi para minha mãe ela me comparou com um abusador e disse que eu ia ficar sozinho, ou então que eu não poderia ter certeza quanto a isso e poderia mudar. Isso destruiu minha cabeça eu me sentia a pior pessoa do mundo e tinha medo 24 horas por dia e nojo de mim mesmo, eu fiquei um bom tempo sem ter autoestima [...] eu fui chamado de diaba doida pela minha mãe por anos, e eu realmente me sentia assim um louco demoníaco horrível, eu me sentia muito mal o tempo todo (Peter).

E eu acho que, principalmente perto de familiares, que daí eu tenho que me podar bastante, [...], eu tenho a sensação de que algumas pessoas estão, [...] que eles estão decepcionados. Então eu tenho que compensar por exemplo, estudar, estudar, estudar, estudar, porque daí eles não vão falar da minha vida amorosa, eles não vão falar do seu corpo, nem da sexualidade (Mell).

A família é o primeiro ambiente social na qual o indivíduo é inserido e, de certa forma, é nessa instituição que são vivenciadas diversas experiências cotidianas (Ramos, 2016). No entanto, percebe-se pelas narrativas dos participantes que o contexto familiar muitas vezes pode funcionar como um núcleo socializador orientado pelo modelo hegemônico, patriarcal, cisgênero e heterossexual. As situações que fogem à norma vigente geram processos de coação, e busca de aceitação e compensação por parte do corpo desviante. A família, enquanto microcosmo, geralmente apresenta no horizonte relacional padrões normativos de performance de sexualidade e gênero, moralmente estruturados por uma sociedade que coloca como regra o regime heterossexual implementado desde a colonização (Curiel, 2017; Ramos, 2016).

Deste modo, essa condenação dos corpos desviantes das normas, se emparelham aos julgamentos que a sociedade apresenta sobre os corpos LGBTQIAP+. Assim como a sociedade padroniza a performance

de gênero, os próprios sujeitos estigmatizados criam no dia-a-dia estratégias relacionais, podendo ser adaptativas-compensatórias ou políticas, de isolamento ou criação de redes de suporte, para que possam existir socialmente.

[...] às vezes eu tenho que pensar antes expor ou de me expressar, porque eu posso receber um acolhimento, mas eu também posso receber uma violência [...] muitas vezes deixei a minha orientação sexual de fora da conversa com um sentimento de medo de exposição. Algumas vezes, quando me deparo em situações com pessoas "desconhecidas" e novas eu omito minha sexualidade, busco analisar os posicionamentos e ideologias antes de expor, apesar de ser uma forma de auto proteção legítima, nessas ocasiões eu me sinto mal e como se estivesse me apagando para não deixar outra pessoa desconfortável ou mesmo que para evitar comportamentos que denunciam um certo preconceito, esse sentimento de negação e apagamento sempre invade (Vênus).

[...]a gente busca meio que compensar o nosso corpo, cuidando do outro, para ver se a gente consegue ter algum valor dessa outra maneira (Peter).

às vezes o mundo pode [me] ver muito forte, mas nem sempre como um corpo tão frágil que precisa de atenção e cuidados (JE).

Há pouco tempo me permiti também ser cuidada, e de que forma receber o cuidado das outras pessoas, da rede de apoio, das famílias que a gente vai constituindo, seja a família sanguínea ou de laços de amizade, de religião, de trabalho também (Margarida).

O corpo existindo dentro das vivências cotidianas, é atravessado pelas influências relacionais com a sociedade geral e o núcleo familiar. Estas implicações impactam a concepção de corpo, e autopercepção do sujeito, visto que dentro das vivências cotidianas a sociedade apaga, silencia, molda e esconde os corpos fora dos padrões cisheteronormativos. De forma que, a sociedade cria percepções sobre os corpos dos sujeitos ora acolhedoras, ora violentas, fazendo com que os sujeitos desviantes das normas adaptem seus comportamentos e expressões de acordo com o ambiente, criando estratégias sociais para sobreviverem enquanto corpos no mundo.

Deste modo, os participantes compreendem a existência corporal como cansativa, visto que vivenciam a ameaça constante de processos de violência nas relações cotidianas. Observa-se que a criação de estratégias sociais para evitar a exposição ou de mecanismos de compensação social para se destacar em áreas que possam trazer reconhecimento e respeito, a despeito do corpo-desejo desviante, também podem trazer a sensação de exaustão mental, principalmente em situações sociais que exigem maior atenção da pessoa-alvo de estigmatização social. Os relatos destes sujeitos da comunidade LGBTQIP+ mostram a importância da decolonização dos estereótipos de gênero e de sexualidade, que influenciam grandemente nesse processo, concebendo assim a desconstrução do sistema impositor cisheteronormativo e patriarcal (Pereira, 2022).

O corpo no mundo: Medo, Preconceito e Resistências nas vivências do Cotidiano

Esta categoria retrata como os sujeitos LGBTQIAP+ são atravessados pelos olhares heteronormativos e como esses processos reprimem os desejos, formas de expressão e limitam a participação social dos sujeitos.

O cotidiano revela a singularidade do sujeito, ou seja, a forma como este vivencia experiências externas e psíquicas em suas relações sociais, engajando-se em atividades de manutenção e autocuidado (Galheigo, 2003). No entanto, é nas vivências cotidianas que os participantes revelam a presença dos sentimentos de medo e insegurança.

Bom, o meu maior medo como o corpo LGBT normalmente é na rua mesmo, em festa, [...] mas na rua sempre é um perigo a todo momento (AG).

Em lugares que já trabalhei nunca falei sobre minha orientação sexual pelo medo de ser julgada (Melissa).

Já deixei de frequentar alguns lugares por medo de assédio ou preconceito, principalmente em lugares que sabia que teria muitos homens héteros-cis (Margarida).

[...] a gente tem medo até de se soltar assim ou de agir como queria [...] a gente fica com muito receio e antes que eu percebo, eu já tô agindo de um jeito que eu não sou, só para me adaptar (Mitski).



Figura 2: Mudanças.
Fonte: Criação: Mitski, 2023

Os comportamentos adaptativos ou compensatórios privam os sujeitos de se expressarem espontaneamente em diferentes espaços, como na rua e no trabalho. Nestes lugares os participantes afirmam que se sentem expostos aos julgamentos, violências e preconceitos, que atravessam seus corpos e limitam suas formas de ser e estar no mundo, implicando na negação do acesso aos direitos básicos e fundamentais, como o de ir e vir (Gastaldi, et. al. 2023). Observa-se que cinco dos participantes já deixaram de frequentar algum ambiente social por medo de violência ou exposição e todos os

participantes relataram ter se sentido desconfortáveis com olhares e comentários sobre sua sexualidade ou performances corporais.

Para além da privação dos direitos, esses sujeitos expressam as adaptações corporais, e a forma de circulação nos espaços para que possam usufruir desses ambientes quando desejado. As falas dos participantes revelam um modo de produção de subjetividade normalizadora: o sujeito sente que precisa ser moldado para existir nesses espaços de circulação, hegemonicamente ocupados por corpos cisheterossexuais (Monzeli, et. al. 2015).

e essa questão dos olhares também (...) é muito cansativo assim, e doído de ter um corpo que recebe olhares de acordo com a maneira com seu corpo é (Mell).

ainda tem muitas coisas que não permitem meu corpo se expressar da forma que ele queria, porque querendo ou não por mais que eu tô rompendo, o olhar do outro para mim ainda significa muito no quesito, tipo, até onde eu vou me sentir livre para realmente me expressar e não sofrer qualquer tipo de violência entendeu (Oxalá).

É nos ambientes sociais que a LGBTQIAP+fobia amplia as sensações de medo, insegurança e cansaço. O medo pode ser compreendido como um componente de subjetivação e um dispositivo biopolítico expresso no "conjunto de práticas, normas, edificações e hábitos que participam da produção dos modos de existência" (Mansano e Nalli, 2018, p.72). Assim, é por meio dessa estrutura que os "riscos de violações de direitos humanos e violência contra esses corpos, suas identidades de gênero, orientações sexuais e suas expressões de gêneros" são ampliados (Gastaldi, et. al, 2023, p. 7). Dois participantes que se autodeclaram negros, também relatam as opressões interseccionais em diversos ambientes sociais, por existirem, duplamente, a partir de uma sexualidade transgressora da norma e do pertencimento racial.

Já tive medo de me expor em ambientes de trabalho onde a maioria das pessoas eram de direita, sofri muito assédio e racismo (Margarida)

Para além do aumento dos riscos de violações sobre esses corpos, a privação do acesso a instituições ou a disparidade de ser aceito ou negado nos ambientes causa a restrição de experiências e oportunidades. Entretanto, esses processos também reverberam "em suas próprias subjetividades, pois acabam por explicitar possibilidades e impossibilidades de 'ir e vir' nos espaços privados e/ou públicos e, especialmente, a possibilidade ou impossibilidade de existir nesses locais" (Monzeli, et. al, 2015, p.461).

Mesmo considerando os processos de violência vivenciados pelos participantes, a resistência é fomentada pelo sentimento de identificação, através do compartilhamento social destas vivências, já que ainda é observado nos participantes a necessidade que estes corpos têm em se encontrarem e existirem enquanto seres políticos nos ambientes diversos.

Mas é ocupando espaços, se afirmando e construindo rodas coletivas com pautas como essa, que avançaremos e mostraremos que temos o direito de ser e existir, e ser respeitado [...]

principalmente poder compartilhar vivências com outras pessoas, escutá-las e perceber que a luta de resistência e de construção da identidade é coletiva (Oxalá).

É por meio desta ação de “ocupar espaços” e da valorização das próprias potências da comunidade que a terapia ocupacional deve empregar seu papel de articulação: é nos espaços sociais que a vida cotidiana acontece, por meio destes que as configurações de identidade e pertencimento dos sujeitos vão se moldando (Monzeli, et. al. 2015). Deste modo, a construção identitária coletiva, em espaços acolhedores, permite que os sujeitos se constituam como uma comunidade que busca ser e existir, sem sucumbir aos padrões sociais cisheteronormativos para sobreviverem.

A terapia ocupacional tem propostas de ações em conjunto com a comunidade LGBTQIAP+ ao dimensionar a violência, opressão e negligência de direitos cotidianamente enfrentados, em consideração a transgressão das normas cis-hetero-coloniais (Monzeli, 2022). A profissão pode contribuir para com a comunidade, seja na construção de projetos de vida, na ampliação da participação social, no auxílio nas novas atividades/ocupações/ afazeres, trabalhando a corporeidade, na luta pela ampliação e na garantia da efetivação de direitos assim como na interlocução em atendimentos humanizados (Leite Junior e Lopes, 2017, p. 493).

Narrando as marcas: Arte como ferramenta de narrativas corporais

Esta categoria relata como as oficinas artísticas desenvolvidas pela Terapia Ocupacional proporcionaram aos sujeitos processos de narração de suas vivências, oferecendo a estes, espaços acolhedores.

A arte, em um processo histórico da comunidade LGBTQIAP+ brasileira, transmite a vida e a realidade dos sujeitos, passando por afetos, medos e morte. Diversos artistas utilizaram diferentes recursos para expressarem as próprias realidades, sendo por via de sátiras até produções intimistas (Trevisan, 2018). As ações artísticas historicamente apresentam “uma presença significativa de pessoas do seguimento LGBTQI” (Rios, et. al. 2019, p.112), colocando em consumo para a sociedade as vivências marginalizadas.

Nesta perspectiva, foi por meio das oficinas artístico-culturais, que os participantes expuseram as narrações de suas vivências, resultando em ações de introspecção, concepção dos próprios corpos, auto aceitação, raiva, sentimento de pertencimento e reflexões que tirassem os mesmos da vivência automática do cotidiano. Assim como a terapia ocupacional compreende técnicas e conhecimentos essenciais para trabalhar processos de enfrentamentos pessoais, também trabalha com a sociedade no que diz respeito aos modos de pensar e agir com a diversas formas de existência (Antunes, 2020).

Naquele momento da oficina eu pude perceber uma espécie de peso interno que ficou em mim, mas como também estou em um processo de cura e autoaceitação (Peter).

Eu vivia no automático, depois das vivências comecei a dar mais atenção para o que eu sinto e como me percebo, me dando um pouco mais de atenção (AG).

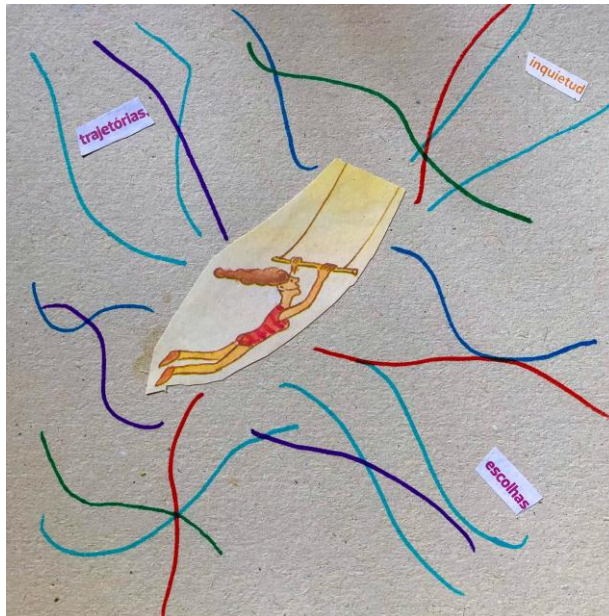


Figura 3: Desautomatização.
Fonte: Criação: AG, 2023

A arte revela e produz as relações subjetivas do indivíduo com o mundo. Ao mesmo tempo em que é capaz de expressar diversos significados individuais e coletivos, ela apresenta ao sujeito a possibilidade de se desprender das amarras sociais dos marcadores e estereótipos de gênero. O fazer artístico abre espaço e liberdade para o sujeito se entender, ofertando a esta relação sujeito-arte/criador-obra, o respeito mútuo (Rios, et. al. 2019). Além disso, observa-se que o caráter vivencial do fazer artístico, quando alinhado à abordagem grupal, potencializa afetos e reflexões que impactam nos acontecimentos cotidianos coletivos e individuais. É no encontro entre os corpos que a potência de vida do sujeito abre espaço para recriar formas de existência. Enquanto ferramenta na produção de uma subjetividade singularizadora, este corpo-arte pode ser compreendido como um território existencial em que se localiza a potência de efetuação da vida (Lieberman, 2010).

Percebi [nos encontros] que meu corpo, apesar de não achá-lo bonito, é merecedor de um espaço no mundo, merecedor de amor, carinho, afeição e respeito, mesmo com todas as rotulações, e saber que há pessoas que sentem o mesmo que eu me fez sentir menos perdida nessa caminhada de autodescoberta e autoafirmação de mim para mim (Levi).

A vivência me permitiu muita reflexão e pensar no processo que passei até ter o corpo que tenho hoje, como uma forma de orgulho e motivação para luta dos nossos direitos (Melissa).

[...] os resultados sempre eram surpreendentes, pois eu não via o processo, apenas o produto, não sabia como tinha chegado ali, apenas sentia e expressava, e foi muito interessante e importante [...] trazendo à tona questões que eu nem sabia que eram questões e "verbalizando" ou *narrando marcas* que nem sabia que estavam presentes (Vênus).

Estes processos só foram possíveis a partir do potencial expressivo-reflexivo da experiência artística e suas relações com as narrativas sobre cotidiano, revelando-se a composição da vida. É pela terapia ocupacional, seu estudo e atenção ao cotidiano que se "mostram a delicadeza dos afetos e o

encantamento de pequenos gestos e fazeres”, potencializando a visibilidade dos sujeitos ao expressarem as camadas do dia a dia e relatarem as vivências de injustiça, preconceito e transformações (Galheigo, 2020, p.08).

No seu mapa corporal, Levi pintou com intensidade faixas pretas e vermelhas, e, logo após a observação das expressões artísticas, ela sai da sala, retornando com olhos inchados e mantendo-se calada. Já Peter expressou cobranças que a sociedade cisheteropatriarcal marcaram em seu corpo, além das violações dos olhares que atravessam seu corpo. A arte, assim, permite a livre expressão sem seguir padrões estéticos do mundo que os pressiona, oferecendo liberdade para as revelações das experiências e emoções vivenciadas no cotidiano (Rios, *et. al.* 2019).



Figura 4: Corpo
Fonte: Levi e Peter, 2023

Considerando as diversas marcas apresentadas nestes corpos, observa-se que a terapia ocupacional compreende a formação do sujeito constituído sob as relações coloniais, patriarcais e cisheteronormativas, desenvolvendo críticas que busquem uma desconstrução colonial e uma atuação por meio da escuta, acolhimento, encontro dialógico, com articulação social e em rede na construção de projetos terapêuticos e de vida “com aqueles que necessitam e/ou reivindicam cuidado, suporte, uma vida digna, participação social e acesso a direitos” (Galheigo, 2020, p.14).

Desta forma, compreende-se que através da arte os participantes puderam expressar reflexões acerca das vivências cotidianas como corpos LGBTQIAP+, apresentando, amparados pelo coletivo, os impactos decorrentes das normas sociais de sexualidade e gênero. Estes impactos sociais na fala dos participantes acarretam em prejuízos no acesso aos direitos, injustiça social e negligências. Desta forma, espera-se que a discussão da terapia ocupacional sobre as temáticas que envolvem a comunidade LGBTQIAP+ não se reduza à noção de vulnerabilidade, mas se conduza sobre as normatizações que visam a homogeneidade dos corpos (Monzeli, 2022). O processo artístico vivencial possibilitou a criação de vínculos e a construção de um ambiente que proporcionou o acolhimento das narrativas dos corpos LGBTQIAP+ no mundo.

“Meu corpo é político
num mundo crítico
por isso eu ando em bando
escondendo meu pranto

Meu eu é colorido
muitas vezes dolorido
mas o amar é arte
e a loucura faz parte

Sou Louca
Frágil
Forte
Tenho sorte
pois, sobretudo
amo sem cortes”

Fonte: poema de Vênus, 2023

Conclusão

Neste universo da pesquisa, as narrativas sobre o corpo por parte da comunidade LGBTQIAP+ a partir das vivências cotidianas expressam diversos eixos de relações, existências e preconceitos que moldam, apagam e silenciam os corpos para que estes sejam enquadrados no padrão heterocisnormativo e patriarcal.

Os processos artístico-vivenciais, viabilizaram a livre expressão dos sujeitos sobre seus anseios particulares e coletivos, desmecanizando seus corpos a partir da experiência de efetuação da vida. Para os participantes, os encontros artísticos possibilitaram uma sensação de pertencimento, valorização de suas experiências subjetivas e possibilidades de reflexão sobre seus corpos no cotidiano. Através da arte, as narrativas afetivas sobre o corpo emergiram no espaço coletivo, possibilitando aos participantes a autonomia na expressão das vivências da população LGBTQIAP+ nas micropolíticas cotidianas.

Os resultados sugerem que os corpos que expressam sexualidades dissidentes da norma ou performances fora do padrão binário, desenvolvem como estratégia de enfrentamento comportamentos adaptativos ou compensatórios que privam os sujeitos de expressarem suas singularidades e subjetividades espontaneamente em diferentes espaços sociais, como na rua e no trabalho. Este esforço em observar sistematicamente o meio em que estão inseridos pode gerar uma sensação de esgotamento mental e de angústia por precisarem sublimar suas formas de existência. A pesquisa também corrobora com outros estudos ao identificar uma restrição de participação social e de ocupação de determinados espaços por parte do sujeito LGBTQIAP+ por medo, que neste caso, opera como um dispositivo biopolítico de controle destes corpos no cotidiano. Ao mesmo tempo, o grupo deste universo da pesquisa aponta formas de resistência ao compreender que a ocupação de variados espaços é uma ação política de defesa dos seus direitos.

A produção de conhecimentos acerca das relações de gênero, sexualidade, corpo e cotidiano da comunidade LGBTQIAP+ busca proporcionar melhorias no acesso aos direitos, na qualidade de vida desses sujeitos, bem como a ampliação da discussão sobre o tema na sociedade. Observa-se, assim, a importância da perspectiva crítica decolonial na terapia ocupacional para a análise das vivências cotidianas, já que é no cotidiano que as sexualidades e corpos dissidentes sofrem a opressão colonial-patriarcal. Ao observar na sua prática as questões de corpo, gênero e sexualidade, o terapeuta ocupacional consegue identificar como as vivências cotidianas impactam no acesso aos direitos sociais básicos, asfixiando as oportunidades e a participação destes sujeitos no mundo. Sugere-se, para pesquisas futuras, o enfoque sobre o corpo trans e a temática de raça.

A Terapia ocupacional deve ser sensível e crítica-reflexiva à complexidade das várias linhas institucionais de opressão que atravessam esses corpos em suas incessantes tentativas de tutelá-los às condições normativas binárias, os subjugando e silenciando em suas existências ao longo de suas vidas. A urgência no enfrentamento da violência cotidiana contra essas pessoas, nos convoca a atentar às produções que reafirmam seus fazeres em suas subjetividades sem deixar escapar nenhuma minúcia da produção de sentido no dia-a-dia. Não há como atuar junto de pessoas LGBTQIAP+ negligenciando as condições macro e micropolíticas que operam ostensivamente regulando seus corpos, e sem promover ações de dimensões amplas e dialógicas entre indivíduos e sociedade. Nesse sentido, essa pesquisa reforça a potência das artes expressivas na abrangência das suas diversas linguagens e narrativas criando espaços acolhedores e criativos para produção de deslocamentos sensíveis, ao mesmo tempo que pulsantes.

Referências

Antunes, J. M., Degani, T. A., Ribeiro, A. C. C., & Martins-Monteverde, C. M. S. (2018). Saúde da população LGBT no Brasil e o olhar da Terapia Ocupacional diante das demandas apresentadas por essa população: uma revisão bibliográfica. *Linguagem Acadêmica*, 8(4), 63-80. ISSN: 2237-2318

Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Tradução de Luís Antero Reta e Augusto Pinheiro. Edição 70. ISBN: 972-44-0898-1

Butler, J. (2003). *Problemas de gênero: Feminismo e subversão a identidade*. Tradução Renato Aguiar. Civilização Brasileira. ISBN 85-200-0611-6

- Ciasca, S. V., Hercowitz, A., & Junior, A. L. (2021). *Saúde LGBTQIA+: práticas de cuidado transdisciplinar* (1 ed.). Editora Manole. ISBN 9786555761160
- Curiel, O. (2017). *Género, raza, sexualidad debates contemporaneos*. Intervenciones em estúdios culturales, 4, 41-61. Recuperado de https://intervencioneseecc.files.wordpress.com/2017/07/n4_art03_curiel.pdf
- Damásio, A. C. (2011). Botando corpo e (re)fazendo gêneros. *Bagoas*, 6, 211-241.
- Davi, E. H. D., & Rodrigues, J. F. S. (2001/2002). Os caminhos da homossexualidade: inserção ou exclusão?. *Caderno Espaço Feminino*, 9(10/11). Recuperado de <https://ieg.ufsc.br/public/storage/articles/October2020/01112009-103629davirodrigues.pdf>
- Deslandes, S. F., Minayo, M. C. de S., & Gomes, R. (org.) (2008). *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade* (27). Editora Vozes. ISBN 978-85-326-1145-1
- Foucault, M. (1988). *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Edições Graal. CDD — 301.4179 301.41701 CDU — 577.8(091) 77-0459 577.8.001. Recuperado de https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2940534/mod_resource/content/1/Hist%C3%B3ria-da-Sexualidade-1-A-Vontade-de-Saber.pdf
- Galheigo, S. M. (2003). O cotidiano na terapia ocupacional: cultura, subjetividade e contexto histórico-social. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, 14(3), 104-109. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v14i3p104-109>
- Galheigo, S. M. (2020). Terapia ocupacional, cotidiano e a tessitura da vida: aportes teórico-conceituais para a construção de perspectivas críticas e emancipatórias. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 28(1), 5-25. <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAO2590>
- Gastaldi, A. B., Benevides, B., & Coutinho, G. (org.) (2023). Mortes e violências contra LGBTI+ no Brasil: Dossiê 2022. *Observatório de mortes e violências LGBTI+ no Brasil*. ISBN: 978-65-994905-2-1
- Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa* (4 ed.). Editora Atlas. ISBN 85-224-3169-8
- Gomes, C. M. (2018). Gênero como categoria de análise decolonial. *Civitas, Ver Ciênc Soc*, 18(1), 65-82. <http://dx.doi.org/10.15448/1984-7289.2018.1.28209>
- Larrosa, J. (2011). Experiência e Alteridade em Educação. *Revista Reflexão e Ação*, 19(2), 4-27. Recuperado de <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/2444>
- Le Breton, D. (2007). *A sociologia do corpo* (2 ed.). Tradução de Sonia M. S. Fuhrmann. Editora Vozes. ISBN 978-85-326-3327-9
- Leite Junior, J. D., & Lopes, R. E. (2017). Travestilidade, transexualidade e demandas para a formação de terapeutas ocupacionais. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 25(3), 481-496. <http://dx.doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAO1060>

- Liberman, F. (2010). Delicadas coreografias: apontamentos sobre o corpo e procedimentos em uma terapia ocupacional. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 18(1), 67-76.
<https://www.cadernosdeto.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/334>
- Mansano, S.R.V; Nalli, M. O medo como dispositivo biopolítico. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, 20(1), 72-84. <http://dx.doi.org/10.5935/1980-6906/psicologia.v20n1p85-97>.
- Monzeli, G. A. (2022). Terapia ocupacional social, justiça social e população LGBTI+: com quem produzimos nossas reflexões e ações? *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 30(spe) e3095.
<https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoARF234130951>.
- Monzeli, G. A., Ferreira, V. S. & Lopes, R. E. (2015) Entre proteção, exposição e admissões condicionadas: travestilidades e espaços de sociabilidade. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 23(3), p. 451-462. <http://dx.doi.org/10.4322/0104-4931.ctoAO0518>.
- Pereira, A. A., Brito Oliveira, A. K., & Santos, A. C. (2022). Gênero e sexualidade: reflexões para a descolonização de processos opressivos. *Barbarói*, 1(61), 123-143. Recuperado de <https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/13228>
- Pereira, P. P. G. (2015). Queer decolonial: quando as teorias viajam. *Contemporânea*, 5(2), p. 411-437. Recuperado de <https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/340/146>
- Ramos, D. O. (2016). Famílias e Homossexualidade: A experiência no centro de cidadania LGBT da capital. *[SYN]THESIS*, 9(1), 63-73. <https://doi.org/10.12957/synthesis.2016.42320>.
- Rios, P. P. S., Dias, A. F. & Vieira, A. R. L. (2019). Ensino de artes, relações de gênero, sexualidade e diversidade sexual: narrativas de estudantes gays. *Revista educação, artes e inclusão*, 15(1), 98-118. <http://dx.doi.org/10.5965/1984317815012019098>
- Rocha, M. L., & Aguiar, K. F. (2003). Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 23(4), 64-73. <http://doi.org/10.1590/S1414-98932003000400010>
- Tolentino, J. G., & Batista, N. F. (2019). Gênero, sexualidade e decolonialidade: reflexões a partir de uma perspectiva lésbica. *Revista Três Pontos*, 14(1), 46-51. Recuperado de <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistatrespontos/article/view/15229/12126>
- Trevisan, J. S. (2018). *Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. (4. ed. rev., atual. e amp.) Objetiva. ISBN 978-85-470-0065-3
- Contribuição dos autores:** M. V.: Elaboração do projeto de pesquisa, coleta de dados, formatação, análise dos dados, redação final. H. C. A.: Orientação do projeto de pesquisa, análise dos dados, redação final do artigo, revisão do texto. C. F. M.: Formatação, contribuição na discussão e revisão final do texto.

Recebido em: 04/09/2024

Aceito em: 21/01/2025

Publicado em: 12/03/2025

Editor(a): Juliana Araújo Silva